



Março, 2010

Índice

A QUESTÃO DA MULHER E A RESPOSTA REVOLUCIONÁRIA



1. Apresentação	03
2. Análise histórica da situação da mulher.....	04
3. A situação da mulher na sociedade capitalista	06
4. O movimento de mulheres do século XIX à atualidade	08
5. O significado histórico do 8 de março.....	10
6. A condição da mulher no Brasil e na Bahia	11
7. Opressão da mulher: questão de gênero ou de classe?	12
8. A opressão da mulher e a Revolução Socialista	13
9. Nossas tarefas	15
10. Nossa Homenagem às revolucionárias.....	16
11. Bibliografia	19

**“O grau de emancipação da mulher
corresponde à medida natural do grau de
emancipação geral” (Engels, sobre Fourier
e a emancipação das mulheres)**

**Em homenagem às Mulheres Revolucionarias!
Viva o 8 de Março! Viva a revolução socialista!
Lemarx**

1. Apresentação

03

O LEMARX (Laboratório de Estudos e Pesquisas Marxistas) tem como tarefa histórica apoiar as lutas sociais dos explorados bem como colaborar com a formação política na perspectiva do marxismo, uma teoria social com força material capaz de abrir possibilidades históricas para a construção de uma sociedade radicalmente diferente da atual, baseada na exploração, opressão e na propriedade privada.

O folheto a seguir é fruto de estudos, debates e da prática social dos integrantes do LEMARX, tendo como referencial o marxismo e como base as experiências acumuladas ao longo de sua trajetória histórica com os movimentos sociais, em particular com as mulheres do Movimento dos Sem-Tetos da Bahia (MSTB). O contexto atual em que discutimos a questão da mulher é marcado por uma profunda crise do capitalismo, em sua fase de decomposição.

Nessa formação política, propomos-nos refletir sobre a situação da mulher nos vários períodos históricos, em particular no capitalismo e as possibilidades concretas da superação da opressão e exploração a que as mulheres trabalhadoras estão submetidas. Defendemos a tese marxista de que a emancipação da mulher é parte da revolução socialista. A opressão sobre a mulher (tal como os negros, homossexuais, imigrantes, etc.) reside nas diferenças de classe, na exploração do trabalho, na miséria, fome e desemprego, nas discriminações, enfim, na propriedade privada.

Esperamos contribuir para o debate crítico da situação da mulher na atualidade e para uma prática revolucionária conseqüente.

2. A origem histórica da opressão da mulher

04

Muitas teorias foram criadas para justificar a manutenção da opressão sobre as mulheres. Dessa forma, fala-se de uma suposta “inferioridade da mulher”, de uma tendência “natural de ser submissa frente ao homem”, de “superioridade intelectual e física do homem”, e, no caso do capitalismo, de “aceitar com resignação a exploração no trabalho e seguir fielmente as regras da empresa, conformar-se com baixos salários e péssimas condições de trabalho”. A classe dominante, desde a escravidão antiga na Grécia e na Roma, sempre teve necessidade de legitimar a família patriarcal (domínio do homem) e a exploração da maioria da sociedade (os trabalhadores) por uma minoria.

Entretanto, a história mostra que a opressão da mulher nada tem de natural, que não é determinada biologicamente, que é produto das relações sociais. A grande maioria das mulheres desconhece que o processo de submissão ao qual estão submetidas está intrinsecamente legado à exploração dos trabalhadores (homens e mulheres) vivem. Por isso, a libertação definitiva e plena da mulher não pode se dar à margem da luta pela destruição da propriedade privada e das diferenças de classes, que impõem a milhões de trabalhadores as mais difíceis condições de existência social.

A sociedade de classe instaurou relações de dominação, sob o modelo de patriarcalismo, que rebate sobre a mulher, na desigualdade entre os sexos. Esse modelo de sociedade rebaixou a mulher e elevou o homem. Entretanto nem sempre foi assim. Antes do surgir a propriedade privada, as desigualdades sociais e as diferenças de classes, houve um período histórico longo em que a mulher era

fundamental na organização da vida social, participava ativamente da produção social, participava com uma parte expressiva dos produtos para a comunidade (alimentos, vestuário, habitação, artesanato, educação, etc.), tomava parte nas decisões coletivas, enfim, tinha direitos iguais frente ao homem e detinha posição de respeito e dignidade. Esse período foi denominado de sociedade matriarcal, que se fundava sobre uma base de igualdade entre os sexos.

A mulher não dependia economicamente do homem, não se acorrentava ao lar, não era responsável sozinha pelos filhos. Todas as atividades eram coletivas. Contribuía com a coleta dos vegetais, faziam provisões alimentares. As mulheres iniciaram a domesticação e criação de animais. Superaram a fase da colheita e caça, sendo responsáveis pela descoberta da agricultura na sociedade primitiva. As mulheres descobriram o carácter medicinal de muitas plantas e elaboraram medicamentos naturais. Deram passos importantes na produção do vestuário, a base de couro curtido de animais, e avançaram nas artes. As mulheres, portanto, foram em grande medida a chave para o desenvolvimento social da humanidade de sua condição inicialmente animal para a vida social organizada e coletiva.

Com o fim das comunidades primitivas, surgiram as sociedades classistas (escravista, feudal e capitalista). Nelas, a mulher cumpre um papel de subordinação à dominação masculina, perpetuada pelo sistema de propriedade privada e outras instituições, que têm servido a esses interesses. Portanto, é falso dizer que a supremacia masculina é natural e não um fenômeno socialmente construído.

3. A situação da mulher na sociedade capitalista

06

A raiz da opressão da mulher se encontra no surgimento das desigualdades sociais e com elas da propriedade privada e da divisão em classes sociais. Com a concentração dos bens e produtos do trabalho na família patriarcal (sob domínio do homem), diferente do coletivismo das sociedades primitivas, houve a necessidade de definir com exatidão a paternidade (antes, o parentesco era definido pela mãe). Os homens queriam ter certeza de que sua propriedade seria, por herança, legada a seus filhos legítimos. Impõem o direito paterno, em oposição ao direito materno, dando prioridade em todos os aspectos aos interesses dos pais, dos chefes de famílias. Com isso, passou-se a exigir a fidelidade e exclusividade sexual da mulher e a restringir a sua ação à vida doméstica.

Essa opressão da mulher pelos homens foi dominante em todas as sociedades classistas, assumindo é claro as condições históricas de cada sociedade. No capitalismo, a opressão sobre a mulher se torna cada vez mais profunda. Esta sociedade é dividida em trabalhadores e capitalistas. Os primeiros produzem a riqueza social, os segundos se enriquecem com o trabalho dos explorados. Os bens produzidos pelos trabalhadores são transformados em mercadorias, vendidas no mercado por dinheiro. Só quem dispõe de dinheiro pode ter acesso aos bens necessário à vida. Além de suportar todas as discriminações das sociedades anteriores, no capitalismo aprofundaram-se ou criaram-se novas formas de opressões sobre a mulher. Um exemplo marcante é a incorporação ao trabalho nas fábricas e a dupla jornada de trabalho.

Como se deu essa mudança na condição da mulher? Falamos que na sociedade de classe diz-se que a mulher é um “sexo frágil e inferior

física e intelectualmente”. Isso servia para legitimar a mulher no lar e fora do processo produtivo. Na segunda metade do século XVIII e início do século XIX, ocorreu a Revolução Industrial, ou seja, a criação e introdução da máquina na produção das fábricas e indústrias. Essas novas tecnologias dispensavam a força física dos operários e exigia apenas ligar e desligar a máquina e vigiar a produção.

Essa transformação na condição da mulher no capitalismo é contraditória. De um lado, representa um avanço quanto à volta da mulher ao processo produtivo social, não se limitando ao reduto do lar. Por outro lado, o trabalho da mulher no capitalismo é realizado desde então em condições muito piores que o dos operários. Em primeiro lugar, as mulheres passaram a ganhar salários menores que os dos homens nas mesmas condições. Tinham, muitas vezes, de exercer trabalhos ditos “exclusivamente femininos”. Suportavam as investidas sexuais dos patrões e a discriminações no ambiente de trabalho.

Fora tudo isso, a mulher passou a acumular uma dupla jornada: o trabalho na fábrica e a atividade no ambiente doméstico (cuidar da casa, dos filhos, lavar, passar, costurar e fazer comida). O trabalho produtivo nas fábricas ou a domicílio não significou, portanto, para as trabalhadoras a sua plena independência econômica. Seu salário mal dava para complementar o do seu companheiro operário para garantir a sobrevivência em condições vis da família. Essa situação de exploração, miséria, fome e opressão levou-as a se organizar.

4. O movimento de mulheres do século XIX à atualidade 08

Podemos dizer que desde a Revolução Francesa de 1789, as mulheres passaram a questionar valores estabelecidos pela sociedade capitalista moderna, exigindo a extensão do princípio formal da igualdade de todos perante a lei para as relações entre homens e mulheres. Tendo em vista que as leis burguesas pregavam a liberdade, a igualdade e a fraternidade universais, por então não aplicá-las às relações entre os sexos? Se as mulheres combateram ao lado dos homens pelo fim da sociedade feudal por que então não exercer os mesmos direitos que eles? Assim, as mulheres começaram a se agrupar em sociedade e clubes para defender seus direitos. Ao lado da Declaração dos Direitos do Homem, a militante francesa Olympe de Gouges propôs em 1791 a Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã.

As mulheres participaram também das revoluções de 1830 e 1848, na França e restante da Europa, ao lado dos revolucionários, vivenciaram a experiência da Comuna de Paris de 1871, armadas com fuzis ao lado dos homens. Em 1866, passaram a atuar ao lado dos homens na Associação dos Encadernadores de Paris. Fundaram sindicatos e associações nos ramos da fiação, tecelagem, costureiras, modistas e indústria algodoeira. Fizeram greves e ocupações de fábricas. Elegeram uma mulher para o Conselho Geral da I Internacional, com a solidariedade de Marx e Engels.

No final do século XIX e começo do século XX, as mulheres travaram uma luta pelo direito ao voto, negado pela democracia burguesa em voga. Conquistaram o direito de participar das eleições em vários países e tiveram companheiros marxistas e o movimento

socialista como seus aliados (com exceção, seja dito, dos reformistas, que tinham medo das mulheres votarem em candidatos conservadores). Na luta pelo direito ao voto, se espelhavam no movimento operário e em suas formas de luta: passeatas, manifestações, assembléias, greves de fome, marchas e ocupações. Publicaram jornais e revistas defendendo suas posições. A II Internacional realizou uma campanha nos países pelo direito ao voto das mulheres. O Partido Bolchevique também realizou manifestações a partir de 1913 todo dia 8 de março em defesa das reivindicações das mulheres. Tiveram de enfrentar a brutalidade do Estado e do seu braço policial.

Dessa forma, ao longo das décadas seguintes foram lutando por igualdade entre homens e mulheres em todas as instâncias, no trabalho e no setor público, pelo acesso ao mercado de trabalho e às vagas na administração pública, pelo direito à herança e de ter bens em seus nomes, de assumir os negócios da família, etc. Nos anos 1960, o movimento feminista ganha força com a luta pela liberação sexual contra os costumes, leis e valores patriarcais e discriminatórios da sociedade. As mulheres não estavam sós. Ocorriam várias lutas em numerosos países de estudantes em defesa da educação, das populações oprimidas pelo imperialismo pelo direito à autodeterminação, dos negros contra o racismo e por direito civis e mobilizações contra a Guerra do Vietnã. Basta lembrar o Maio de 1968. Conquistaram o direito ao divórcio e ao aborto legal (França, Itália, Inglaterra e EUA).

5. O significado histórico do 8 de Março: luta ou resignação? 10

O Dia Internacional da Mulher, o 8 de março, representa um marco na vida das mulheres trabalhadoras, simboliza a luta das trabalhadoras por melhores condições de trabalho, de salários e pela conquista de direitos sociais e políticos. Como dissemos, o avanço do capitalismo e a revolução industrial incorporaram um número expressivo de mulheres no setor fabril, entretanto as condições de trabalho eram insalubres e perigosas. Essa situação gerou vários protestos e lutas sociais e políticas em praticamente todos os países.

A origem do 8 de Março está, portanto, ligada à luta das mulheres trabalhadoras (operárias, camponesas e demais oprimidas) contra a exploração capitalista. Um fato histórico que deu ensejo à aprovação do dia internacional das mulheres pela 2ª Conferência Internacional de Mulheres Socialista de 1910, foi a morte de 129 mulheres trabalhadoras, queimadas pelos donos de uma fábrica têxtil em Nova York, em 1857, quando defendiam melhores condições de trabalho e vida. Por isso, o dia 8 de março é marcado por combates, lutas e resistências à exploração das mulheres e homens trabalhadores pelo capital.

O 8 de março não deve ser considerado como um dia meramente festivo, mas um dia de luta. Dia em que as mulheres devem se manifestar em forma de passeatas, marchas, assembléias, ocupações, manifestações etc. denunciando as condições em que o capitalismo as coloca e relembrando o heroísmo das companheiras que morreram em nome da luta por sua emancipação plena. Com a derrota definitiva do capitalismo é que se conquistará a autêntica emancipação da mulher

Viva o 8 de março de luta, combativo e socialista!!!

6. A condição da mulher no Brasil e na Bahia 11

No Brasil, atualmente a mulher trabalhadora continua relegada ao trabalho em condições precárias e extremamente difíceis, seja no campo ou na cidade. Seja na condição de dona de casa, seja na de trabalhadora assalariada, especialmente na prestação de serviços. As que conseguem integrar o setor formal ou hegemônico exercem atividades em condições ainda mais subalternas que as masculinas: recebem salários mais baixos, em postos inferiores na hierarquia do trabalho e em tarefas mais desqualificadas.

Além disso, as mulheres brasileiras enfrentam o quarto maior índice de violência contra a mulher do mundo, são submetidas à exploração sexual infanto-juvenil e à pedofilia, encontram maiores dificuldades para ingressar no mercado de trabalho e pra avançar no sistema de ensino, além de serem maioria entre os analfabetos, desempregados e entre os indivíduos que se encontram abaixo da linha da pobreza estabelecida pela ONU.

Na Bahia, a situação não é mais animadora. Vítimas da brutalidade de uma sociedade classista e excludente, as mulheres negras ocupam as piores posições em qualquer estatística oficial que revele a situação de nosso estado. Um fato importante a destacar é que as mulheres são maioria, por exemplo, entre os integrantes do Movimento dos sem Teto da Bahia, o que evidencia a dimensão da luta destas guerreiras e seu potencial revolucionário. Portanto, as mulheres trabalhadoras, operárias, camponesas, domésticas etc. encontram-se profundamente oprimidas no Brasil e na Bahia.

7. Opressão da mulher: questão de gênero ou de classe? 12

A desigualdade da mulher no capitalismo vem se aprofundando nos últimos anos, sobretudo nos países explorados. A discussão de por quê isso ocorre reveste-se de um caráter acadêmico e tudo o que se refere à opressão da mulher é rotulado como sendo uma questão de gênero. Não se pode substituir a luta de classe pela luta entre sexos, o que se constituiria num desvio perigoso ao autêntico curso da libertação.

O problema da mulher trabalhadora não é ser mulher, é viver num regime capitalista. Ela não precisa rejeitar sua feminilidade, nem sua função de maternidade. Ela não precisa ver no homem um adversário. O que ela precisa é reconhecer sua própria força e unir-se, como mulher, à sua classe para lutar pelo fim da propriedade privada, que é a verdadeira raiz de sua opressão. Temos de fazer com que a mulher que, no seu dia a dia, se enfrenta, objetivamente, com os entraves do capitalismo – a fome, a miséria, o desemprego, a opressão sexual, a humilhação - tome consciência de quem é seu real adversário. E se disponha a fazer um chamado a seus companheiros de classe para lutarem juntos contra o capitalismo. Esse será o primeiro passo para que ela se transforme como ser histórico e possa construir uma sociedade socialista, em igualdade com o homem, onde todos os resquícios de opressão sejam atirados na lata de lixo da história.

Não é suficiente ter simpatias pelo socialismo ou ser moralmente a favor da emancipação social. Não adianta ser contra, em palavras, ao capitalismo. É preciso assimilar, com profundidade, o marxismo e lutar contra a exploração das mulheres trabalhadoras do campo e da cidade.

“Quem quer que conheça a história sabe que as grandes transformações sociais são impossíveis sem o fermento feminino” Karl Marx

O marxismo reconhece a importância da participação ativa da mulher nas lutas e combates diárias dos explorados contra a situação de miséria, por melhores condições de vida e trabalho e pela conquista de direitos civis, políticos e sociais. Desde que Marx e Engels se tornaram socialista, travaram uma luta mordaz no movimento operário no sentido de contribuir com a sua organização e qualificação de suas idéias, programas e reivindicações. Desde Marx e Engels, os marxistas procuram articular a luta pelas reivindicações específicas dos trabalhadores e demais movimentos sociais (negros, homossexuais, mulheres, ecológicos etc.) ao combate pela destruição das desigualdades sociais e econômicas, da propriedade privada e das diferenças de classes sociais.

Dessa forma, os autênticos revolucionários unem as lutas por reformas à luta pela revolução social. Mas nem todos os socialistas fazem isso. Uma grande parte deles se limita à luta por direitos, por reformas, por reivindicações nos limites do capitalismo, atacando apenas os efeitos do sistema e não as causas da exploração e da opressão. Suas lutas não chegam a arranhar a dominação do capital e são facilmente assimiladas pela classe dominante. Na luta por direitos e reformas, muitas reivindicações foram conquistadas, mas a opressão e exploração não só permaneceram, mas se aprofundaram.

De fato, os movimentos de mulheres estão num momento em que precisam fazer um balanço sobre a sua história e seus limites. Já vimos que os movimentos de mulheres surgiram no século XIX, lutaram pelo direito ao voto, pelo direito ao trabalho, pelo divórcio, aborto legal e as discriminações da sociedade patriarcal. Conseguiram impor ao Estado e governos capitalistas muitas dessas reivindicações. Mas hoje, encontram-se num impasse: a opressão e a exploração das mulheres ao contrário de serem superadas, aumentaram.

O acesso a direitos e a conquistas mostrou contraditoriamente às mulheres o acerto da tese marxista de que a emancipação da mulher só será produto de uma nova sociedade: o socialismo. A Revolução Russa de 1917 deu o primeiro sinal dessa possibilidade: lá, até antes da stalinização do Partido Bolchevique, do Estado russo e da III Internacional, as mulheres tiveram as maiores conquistas da história da humanidade. O governo revolucionário revogou todas as leis discriminatórias, estabeleceu a igualdade entre homens e mulheres, o direito ao aborto, a salário igual pelo mesmo trabalho, engajou-se a mulher na produção social, estimulou a sua participação nos soviets e nas instâncias políticas, atacou-se as causas da prostituição, criou-se lavanderias, refeitórios e creches públicas para livrar as mulheres da servidão doméstica.

Muitas mulheres transformaram o sofrimento em bravura, força e muita disposição de luta por um novo mundo. A opressão da mulher se vincula ao problema social da classe trabalhadora e dos explorados que se liga à luta de classe e a revolução social. A verdadeira emancipação da mulher só será possível com o socialismo.

NOSSAS TAREFAS

1 – Desenvolver, defender e difundir a concepção marxista sobre a opressão da mulher, uma concepção classista e revolucionária, contra as concepções presentes na academia e no movimento de mulheres, que encaram a opressão da mulher fora do contexto histórico da divisão da sociedade em classes sociais;

2 - Estudar com profundidade as causas históricas reais que estão na origem da opressão da mulher nos diversos períodos históricos e no capitalismo em particular, tirando daí um programa conseqüente de defesa das reivindicações mais sentidas pelas mulheres trabalhadoras do campo e da cidade;

3 – Apoiar, fortalecer e participar das lutas das mulheres trabalhadoras do campo e da cidade sejam nos sindicatos, associações, partidos da classe operária e movimentos de mulheres, tendo como centro a luta pelo socialismo;

4 – Defender a unidade das mulheres trabalhadoras (operárias, camponesas, estudantes, domésticas, etc.) em torno da luta de classes por suas reivindicações como parte do programa de superação da ordem capitalista e construção de uma sociedade baseada na propriedade coletiva dos meios de produção;

5 – Combater quaisquer diferenças salariais e nas condições de trabalho entre homens e mulheres trabalhadores, entre brancos (as) e negros (as), bem como a terceirização, banco de horas e as formas precárias de emprego;

6 – Denunciar todo tipo de assédio às mulheres trabalhadoras nos locais de trabalho, bem como a exploração do trabalho das mulheres, defendendo um salário mínimo vital, que garanta as necessidades reais do conjunto dos trabalhadores. Que o salário seja definido em assembléias de trabalhadores;

7 – Reforçar a participação das mulheres trabalhadoras, junto com os homens de sua classe, sem as peias da escravidão doméstica, da vida política revolucionária socialista.

NOSSA HOMENAGEM ÀS REVOLUCIONÁRIAS, QUE COLOCARAM SUAS VIDAS E SUA OBRA A SERVIÇO DA EMANCIPAÇÃO DE HOMENS E MULHERES DA CLASSE TRABALHADORA

Clara Zetkin (1857-1933)

Uma das mais destacadas militantes revolucionárias marxistas, Clara Zetkin foi uma grande representante da luta das mulheres em todo o mundo. Junto com Rosa Luxemburgo, Karl Liebknecht e Franz Mehring, constituía a ala esquerda da social-democracia alemã. Participou ativamente de mobilizações, passeatas, marchas e congressos realizados pela II Internacional Socialista e pela III Internacional e foi dirigente do Movimento Internacional das Mulheres Socialistas. Organizou um Congresso de mulheres em 1915. Foi de sua autoria a proposta aprovada num Congresso de Mulheres Socialistas da II Internacional em 1910, de um Dia Internacional da Mulher. Desde então, seu nome encontra-se gravado na memória de todas as mulheres que lutam por sua emancipação, frente à opressão e exploração a que estão submetidas na sociedade capitalista. Para Clara Zetkin, “De mãos dadas com o homem de sua classe, a mulher proletária luta contra a sociedade capitalista”. Dizia, por fim, que a tarefa essencial do partido marxista é “despertar nas mulheres a consciência de classe e fazê-las participar da luta de classes”. Por isso, combateu ardorosamente as tendências reformistas no seio do movimento feminista e na social-democracia alemã.

Alexandra Kollontai (1872-1953)

O marxismo e a questão da mulher são os temas preferidos desta marxista, cuja vida e obra está indissolivelmente ligada ao destino da Revolução Russa de 1917. Membro do Comitê Central do Partido Bolchevique em 1917, escreveu importantes obras para a teoria marxista como *A Sociedade e a Maternidade*, *A Mulher Moderna e a Classe Trabalhadora*, *Comunismo e Família*, *Amor Vermelho*, *Romance e Revolução*, entre numerosos escritos publicados, mas muitos ainda inéditos em português. Foi a primeira mulher a ocupar um posto de enorme importância para um Estado, ainda mais se tratando do primeiro estado operário da humanidade, resultado do processo revolucionário socialista na Rússia. Exerceu a função de Comissária do Povo para a Saúde. Também exerceu durante toda a sua vida postos diplomáticos, como representante da ex-União Soviética, em vários países como a Suécia, México, Noruega e Finlândia. Depois do processo de stalinização do Estado soviético, do partido e da III Internacional, Alexandra Kollontai não encontrou mais as condições que tinha no processo revolucionário inicial para continuar a sua tarefa de organização das mulheres operária e sua formação política para a defesa das reivindicações das mulheres na Rússia. Como disse Jacqueline Heinen, dirigente do movimento feminista francês, Alexandra Kollontai foi “também, a sua maneira, uma vítima do stalinismo”.

Rosa Luxemburgo (1871-1919)

Quando tratamos da história do marxismo, não há como esquecer uma das mais importantes revolucionárias do século XX, Rosa Luxemburgo. Nascida na Polônia, em 05 de março de 1871, destacou-se desde sua juventude como uma militante exemplar, destemida, nas lutas estudantis. Tornando-se socialista, dedicou-se à organização da classe operária, na criação de um verdadeiro partido operário internacionalista.

Em 1889, fugiu da Polônia por causa da repressão estatal à militância socialista e foi para Zurique, onde conclui a sua formação em economia, com a defesa de uma tese de doutoramento sobre *O Desenvolvimento Industrial na Polônia*. Muda-se em 1898 para a Alemanha, sede de um dos partidos operários mais importantes da Europa, o Partido Social-Democrata Alemão, como era então chamado, antes da degeneração da social-democracia.

Era um momento decisivo para o marxismo, tendo em vista que Eduardo Bernstein, no folheto *Socialismo Evolucionário*, insurgia-se contra a concepção revolucionária de Marx, passando a defender uma via pacífica e gradual de transição ao socialismo, idéia que tinha como efeito a adaptação dos marxistas à democracia formal burguesa e a restrição das lutas às instituições parlamentares e eleitorais. Significava, portanto, o abandono da luta revolucionária. Era também uma fase de corrida armamentista e de perigo de uma guerra mundial entre os Estados. Rosa se coloca não só na defesa do materialismo histórico e da revolução socialista na sua obra *Reforma ou Revolução?*, como também do internacionalismo proletário contra os nacionalismos burgueses e a guerra imperialista.

Foi assassinada pela social-democracia em 15 de janeiro de 1919, por ter lutado na Revolução Alemã por uma sociedade socialista. Rosa gravou com seu sangue a história da humanidade e tornou-se, de fato, marxista!

Consultar a página: <http://insrolux.org/joomla/>

10. Bibliografia

BEBEL, August. *La mujer em el pasado, em el presente, em el porvenir*. México: Fontamara, 1980.

ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

KOLLONTAI, Alexandra. *Sobre la liberacion de la mujer*. Barcelona: Fontamara, 1979.

_____. *A nova mulher e a moral sexual*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

_____. *Autobiografia de uma mulher emancipada*. São Paulo: Proposta, 1980.

_____. *Mujer: história y sociedad*. México: Fontamara, 1989.

LÊNIN, V. I. *El poder soviético y la situación de la mujer*. Moscú: Progreso, 1981.

_____. *Sobre a emancipação da mulher*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980.

MARX, ENGELS, LÊNIN. *Sobre a mulher*. São Paulo: Global, 1979.

MORAES, Maria Lygia Quartim. O encontro marxismo-feminismo no Brasil. In Ridenti, Marcelo e Reis, Daniel Aarão (org.). *História do marxismo no Brasil*. Campinas, SR: Unicamp, 2007.

SAFFIOTI, Heleieth. *A mulher na sociedade de classes*. São Paulo: Quatro Artes, 1969.

TOLEDO, Cecília. *Mulheres: o gênero nos une, a classe nos divide*. São Paulo: Sandermann, 2008.

TROTSKY, L. *La mujer y la familia*. Lisboa: Antídoto, 1988.



UFBA



LEMARX



FACED

SANDRA MARIA MARINHO SIQUEIRA

Professora-adjunta da FACED/UFBA

RILMAR LOPES

Professora-assistente da FACED/UFBA

CAMILO DOMINGUES

Teatro

LUCIANA LUZ

Ciências Sociais

MANUELA SILVEIRA GOMES

Estudante do Curso de Pedagogia

BÁRBARA ELCIMAR DOS REIS ALVES

Aluna especial da Pós-graduação em Ciências Sociais

SIMONE GONÇALVES (NEGRAMONE)

Estudante do Curso de Dança

FERNANDA ANJOS

Estudante do Curso de Pedagogia

FERNANDA RAMOS

Estudante de Educação Física

RODRIGO YURI DANTAS FERNANDES

Estudante do curso de Educação Física

FRANCISCO P. SILVA

Advogado e professor de direito

EDUARDO CORREIA CARVALHO FILHO

Professor de Educação Física

ALBERTO LEAL NETO

Aluno do Mestrado em Educação

BERNARDO THIAGO

Pós - Graduação em Teatro

www.lemarx.faced.ufba.br